

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontínuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontínuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

**"ARENA CONTA ZUMBI"**  
**uma proposta para o ensino de história.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil



**ANATÁLIA ODETE DOS SANTOS.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**“ARENA CONTA ZUMBI”  
uma proposta para o ensino de história.**

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Departamento de  
História da Universidade Federal  
de Uberlândia, sob orientação do  
Profº Dr. Alcides Freire Ramos.

**Anatália Odete dos Santos  
Uberlândia - Setembro de 2002.**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Alcides Freire Ramos**  
Orientador

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Sirley Cristina Oliveira**

---

**Prof. Ms. Juscelino Batista Ribeiro**

Uberlândia, 20 de Setembro de 2002.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeira instância a Deus, que além de me presentear com o gosto pelo estudo, me inseriu em uma família maravilhosa, que sempre incentivou meu sonho: estudar. Pai e Mãe, seu apoio foi fundamental! Foi muita luta para chegar aqui e poder estar junto com vocês, lhes entregando esta, porque sei que esta Monografia, é para vocês como para mim, resultado de muita luta e muito sacrifício, mas quero dizer que valeu a pena. O meu sucesso é de vocês.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Alcides Freire Ramos, o meu muito obrigado por acreditar em meu potencial e me oferecer de presente em um 'bandeja prateada', este tema que por tanto gosto, descobri com seu auxílio. Suas informações e esclarecimentos foram refrigério para o meu intelecto.

Não poderia de deixar de agradecer a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosangela Patriota, que me ajudou muito nos esclarecimentos prestados sobre Teatro. Que sempre respondeu a todas as minhas dúvidas, pela paciência, muito Obrigada!

Aos amigos do curso de História, Ana Cristina Ramos, colega de sol e chuva, de empréstimos de livros, e ajuda na correção de textos, ouvinte e amiga, Obrigada! A Roberta Fernandes, pela convivência prazerosa durante estes anos de caminhada, pelo auxílio nas digitações de trabalho, inclusive este, valeu amiga! Ao Edilson Antônio, pelas dicas de digitação, valeu sem a sua ajuda não teria conseguido.

Mas este trabalho eu dedico de todo coração, a minha irmã, Amanda Roberta, que possa lhe servir de incentivo para trilhar seu caminho profissional, e que o seu trabalho possa ser muito melhor do que este.

Tenho um incentivo maior para crescer desde 2000, com a chegada de meu pequeno, João Neto. Este foi o combustível do minha vida, desde então. Todo o conhecimento adquirido, serve para que eu possa ajudá-lo num futuro bem próximo.

Outras pessoas me ajudaram indiretamente também, e para estas pessoas gostaria de lhes agradecer do fundo do meu coração, porque:

***"SÓ EXISTE SOLIDARIEDADE ENTRE OS IGUAIS...".***

## ÍNDICE

|                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                                                   | <b>07</b> |
| <br>                                                                     |           |
| <b>Capítulo I</b>                                                        |           |
| <b>Os livros didáticos de Ensino Médio.....</b>                          | <b>15</b> |
| <b>Os livros didáticos de Ensino Fundamental.....</b>                    | <b>23</b> |
| <br>                                                                     |           |
| <b>Capítulo II</b>                                                       |           |
| <b>“Quilombo dos Palmares”: uma história de<br/>resistência.....</b>     | <b>26</b> |
| <br>                                                                     |           |
| <b>Capítulo III</b>                                                      |           |
| <b>Arena conta Zumbi”: uma proposta de trabalho em sala de aula.....</b> | <b>43</b> |
| <br>                                                                     |           |
| <b>Considerações Finais.....</b>                                         | <b>58</b> |
| <br>                                                                     |           |
| <b>Bibliografia.....</b>                                                 | <b>60</b> |

## **Introdução**

A produção historiográfica dos livros didáticos de história vivencia uma mesmice no que diz respeito à sua produção. Além de ser uma compilação dos fatos históricos, na sua maioria, já foram escritos por outros autores(historiadores), e que ao serem reescritos apenas tem mudado o enfoque metodológico como, por exemplo, podemos encontrar escrito num livro sobre o tema escravidão, o autor desse livro poderá privilegiar apenas o enfoque econômico, como causa do enriquecimento precoce das colônias, enquanto que outro autor poderá destacar em seu trabalho denúncias sobre os maus tratos impostos aos negros e suas péssimas condições de vida, aqui no Brasil, legitimando, assim o caráter social da história; como se apenas um ou outro enfoque metodológico pudesse abarcar todo o processo histórico desse período ou de qualquer outro de nossa história.

O que pretendo, neste exemplo, é mostrar como é importante o papel do historiador, a construção do presente à luz do passado, e que nas suas mãos está a responsabilidade, de passar os fatos na sua íntegra e, caso isso não seja possível, ao menos apontar os recursos para que quem consultar o seu livro, possa ter como investigar os fatos ou, ainda, encontrar outros caminhos que possam desvendar desfechos ainda sem respostas. Se a produção de uma obra não puder ajudar outros colegas de trabalho, esta obra não cumpre seu papel na sociedade.

Como a principal ferramenta de trabalho do historiador são as fontes sejam elas orais, escritas, visuais, jornais, documentos pessoais, filmes, fitas VHS, fitas K7, etc., conseguimos analisar que ambas podem trazer prejuízos se puramente reescritas ou re-interpretadas, como pode ocorrer se o historiador pegar um documento de 1800, sobre escravidão, que conta que os negros trazidos da África, não sofriam maus tratos, e este

historiador sem procurar apurar os fatos, colocar este documento em seu trabalho e posteriormente vir a publicá-lo, o que poderia causar indignação por parte dos historiadores especialistas no mesmo tema. Mesmo porque se este historiador preferiu percorrer por caminhos que não denunciam maus tratos aos negros trazidos ao Brasil, precisamos investigar quais as fontes que este historiador usou e ir além do seu trabalho, porque podemos descobrir outros itens através desse enfoque, ou seja, devemos trabalhar em cima do que não foi dito, nas brechas. A responsabilidade do historiador escritor neste caso é muito grande, é um processo de reconstrução como afirma Hobsbawn <sup>1</sup>:

“(...) todos os historiadores, sejam quais forem os seus objetivos, estão envolvidos neste processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político”.

O livro didático em toda sua íntegra é de responsabilidade de quem o escreve que deve ter preocupação e responsabilidade acadêmica, porque este livro irá para as mãos de alunos e professores que irão ensinar como se deu o processo histórico e, é este profissional que irá selecionar o que será publicado e chegará ao mercado, que aliás é outro problema. O mercado editorial. Existe um cuidado excessivo em “vender” livros, não o de vender excelentes trabalhos, aqueles que são resultados de anos de pesquisas e que contribuem sim, para a reflexão de métodos já existentes, estes são na maioria das vezes engavetados. O que conseqüentemente resulta na manipulação do conhecimento. É claro que temos a consciência de que o saber é algo imposto pela elite intelectual, que tende a manipular as informações e o ciclo de material que eventualmente circula na academia, assim, por se tratar da produção escolhida a dedo por editores que tem seus

---

<sup>1</sup>HOBSBAWM, Eric. “História das Sociedades”. São Paulo. Ática. 1999; p. 35.

autores preferidos, ficamos fadados a uma proliferação de uma “cultura erudita”. Cultura que é imposta pela elite, porque é esta que a escolhe, mas não podemos nos esquecer de quem constrói, ou seja, quem participa efetivamente do processo de construção desta história que constitui a cultura, que é disseminada. Quem são os verdadeiros personagens que constituem esta cultura popular? Os personagens são frutos de uma ação coletiva e feita pela população, é uma história do social, entendendo-se por social todo e qualquer trabalhador, rei, escravo, médico, etc.; que possa contribuir para a escrita da História.

A nossa maior preocupação é que os consumidores deste material, são os alunos de Ensino Médio e Fundamental, que tem nestes trabalhos, uma das únicas ou talvez a única maneira da aquisição do saber, daí se vê como é fácil manipular o conhecimento, principalmente aquele que circula no mercado editorial.

Este mercado editorial, que sofre a manipulação do saber, recebe a repugnação com relação a opinião dos estudantes; principalmente os alunos da disciplina de História, porque para um estudante, não é interessante estudar algo que esteja longe de sua realidade, somado a um professor que sempre adota a mesma maneira de lecionar, através da decoreba, ou da palavra chave, palavra cruzada, textos e questionários, que o aluno que responder em sala e conseguir decorar todas as respostas sempre irá se sair muito bem na prova. Este processo, muitas vezes, dá título de bom aluno a alguns dentro da escola, daí quando saem e vão para o vestibular não conseguem passar e se decepcionam, mas é normal o fracasso, porque ninguém consegue passar no vestibular com decoreba de matérias.

Daí ocorre o distanciamento entre o aluno e a disciplina. São estes alguns fatores que fazem da disciplina de História uma matéria tão repugnante, indesejada, uma

matéria de “decoreba”, palavras cruzadas, complete a frase, etc. Estes adjetivos atribuídos à disciplina de História nas séries de Ensino Fundamental e Médio, tornam os alunos extremamente apáticos a disciplina. Situação esta que se agrava se somada a um profissional, por exemplo, com 20 anos de carreira de magistério que não se preocupou em fazer um curso sequer de reciclagem. Pois sabemos que o saber não é estático e a cada dia surgem novidades que devemos acompanhar, não basta ler livros, revistas, assistir aos programas de jornais, é necessário um aprendizado mais profundo, acompanhando as novidades editoriais, consultando palestras que constantemente temos em instituições públicas ou particulares, fazendo pesquisas constantes para inovar na maneira de conceber conhecimento.

Da mesma maneira que adjetivos prejudicam o aconchego com a disciplina, os métodos de lecionar comuns, quadro negro, livro didático, textos pequenos e extras, palavras cruzadas, etc., diminuem a disciplina, diminuem o professor e também aqueles alunos que gostam da matéria. Devemos nos perguntar porque tanta evolução no mundo da informática, da medicina, da estética, se ainda temos na educação brasileira professores que lecionam usando métodos antigos, lugares que nem professores temos, onde temos apenas voluntários que se disponibilizam a ensinar um pouco do que sabem sem preparo algum?

A resposta é simples, não existe resposta a este tipo de questionamento pelo simples fato de que não conseguimos encontrar o culpado. Ora dizem que é culpa do sistema político, ora dizem que é má formação profissional, outros dizem que é ainda excesso de cargos e de carga horária que os professores são obrigados a fazer por péssimo salário que estes profissionais recebem.

Na verdade é uma via com “n” bifurcações, que não se sabe de onde vem e nem

para onde se vai. Mas precisa ser enfrentado. Podemos colocar em discussão o papel das leis sobre educação no Brasil, criadas pelo MEC (Ministério da Educação e do Desporto), que deu origem às leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que por sua vez originou os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Novos programas de ingresso ao Ensino Superior <sup>2</sup>que antes, dá autonomia às Instituições Públicas ou Particulares), só reforçam o método antigo de ensino. Aquele que está relacionado com a aprendizagem para passar no processo seletivo, seja qual for, porque o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo. A lei de oferta e procura está muito acirrada.

O que precisa aqui ser levado em consideração, é o fato de que um professor para ter um ganho melhor no final do mês, se falando em quantia que usa na sobrevivência pessoal e familiar, este mesmo profissional é obrigado a lecionar nos três períodos, triplicando assim o número de alunos, o número de diários e consequentemente, o número de matérias que deverá ministrar. Resultado: não sobra tempo para o que deveria ser a prévia de uma aula em sala de aula, uma pesquisa sobre o tema. O professor não tem tempo para se preparar e o aluno não tem interesse em, aprender o processo histórico, o que este aluno quer é simplesmente obter conhecimento para passar no vestibular. É um ciclo vicioso. O governo coloca a responsabilidade na Secretaria de Educação, esta passa as escolas que dão esta tarefa árdua para os professores que junto com os livros didáticos repassam aos alunos que são o fim e tem seu fim no resultado do vestibular. Conclusão: aqueles que lhe foram dadas. E aí, quem é o responsável por isto? Realmente, culpar o professor, ou o livro didático ou o sistema de ensino, é muito vago. Segundo Marcos Silva<sup>3</sup>, o que acontece é o seguinte:

---

<sup>2</sup> PAIES (Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior), Universidade Federal de Uberlândia. Pró Reitoria de Ensino. 3ª ed., 1999, p. 03.

<sup>3</sup> SILVA, Marcos A da. (org). *Repensando a História*. São Paulo/Rio de Janeiro: ANPUH/Marco Zero. 1984. p. 8-15.

“(…) Em nosso país existe uma tendência em destruir a história ensinada na escola como campo de reflexão de 1º e 2º graus. Tal fato é corroborado com o pressuposto ideológico que o 3º grau é “locus” exclusivo da produção do conhecimento, da pesquisa histórica e o médio e fundamental um mero receptor passivo do conhecimento pronto, cristalizado que vem de cima”.

O capítulo I, apresentará críticas sobre algumas obras, que são usados em sala de aula, e previamente escolhidos pelos profissionais da área. São obras que escondem, ocultam fatos históricos muito importantes, como é o caso de “Quilombo dos Palmares”, que significou o maior e mais duradouro movimento de resistência negra no Brasil no século XVII, cujas referências nestes livros didáticos que faremos enunciado, não aparece. Daí nos perguntamos, que história é esta que nos legamos a ir para a sala de aula, ensinar aos nossos alunos que poderão ser os futuros professores de nossos filhos. Como nos colocamos em situação de sujeitos históricos, construtor de cidadãos, formadores de opinião, se não consideramos o negro como sujeito efetivo da Escravidão no Brasil? Sim, porque a partir do momento que ensinamos como está no livro didático, estamos sendo coniventes com a história factual.

Sabemos que encontramos um problema ainda maior, que é o da documentação específica da época, mas não conseguimos resolver isto de imediato, demanda antes de mais nada pesquisa, e uma pesquisa detalhada e minuciosa de tema. No caso da Escravidão, que é aqui nossa “menina dos olhos”, relataremos no Capítulo II, uma leva de Historiadores que se dedicaram ao estudo do tema e contribuíram muito para o clareamento dos fatos sobre o ‘maior e mais duradouro movimento de resistência negra

do século XVII', e informações adicionais que os professores devem levar consigo para a sala de aula, quando for apresentar o tema sobre a escravidão no Brasil.

No Capítulo III, estabelecemos uma proposta que mostrará como é possível fazer um gancho entre passado/presente, utilizando o material didático, mais o resultado de uma pesquisa historiográfica junto com a arte, articulando uma peça de Teatro, que conta como foi o movimento negro de Palmares, seu significado e ainda possibilita uma aproximação do aluno com o assunto histórico. No teatro não existe distanciamento entre o personagem e o espectador, ocorre antes uma interação, se falarmos apenas em assistir a peça, imaginemos então o efeito que causa se estes alunos encenarem parte ou totalmente esta peça, o aproveitamento pedagógico é muito maior.

Aqui está enunciada então, a que este trabalho se propõe, é uma tentativa de mostrar que é possível, através do conteúdo existente(livro didático), estabelecer contatos com outras áreas do conhecimento usando, neste exemplo, o Teatro; para manter um diálogo pertinente entre o aluno e o professor dentro de dois tempos distintos- Passado-/Presente.

Devemos lembrar que graças as inovações técnicas da Escola dos Annales, podemos vislumbrar de fontes que representem as atividades humanas, quando mencionamos o Teatro, para exemplificar um período da história do Brasil, que é o período da Escravidão Negra no Brasil, mais especificamente o que foi, o que significou 'Quilombo dos Palmares'. Este trabalho não constitui aqui uma singularidade, antes já apresentaram, de forma brilhante, diga se de passagem, um trabalho semelhante. Sirley Cristina Oliveira, aluna do Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, que em sua monografia " História e Teatro: novos caminhos para o ensino de história", vem trabalhar também com uma peça de Teatro, da mesma companhia de Teatro que aqui

nos propomos a trabalhar, Arena, que encenou logo após o nosso objeto de trabalho “Arena conta Zumbi”(Musical encenado em 1965), “Arena conta Tiradentes” em 1967. Essas são duas peças/musicais, que segundo Boal<sup>4</sup>:

“(...)toda obra de arte é fruto de sua época e por isso traz em seu bojo princípios da realidade vivida(...)”.

Os autores da peça Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri (faziam uma arte engajada), viam a arte como instrumento de luta que pudesse transformar a realidade, principalmente se observarmos o papel do Teatro de Arena, que num primeiro instante visa promover uma arte popular, que esteja ligado a um público específico, qual seja os operários explorados das fábricas. O Arena tem o objetivo de romper com o teatro preconizado do teatro de Comédia, e por isto usa estilos e temas que vinham de encontro com a realidade brasileira. O que nos propomos aqui, nada mais é que ao se<sup>5</sup>:

“(...)buscar conexão entre História e teatro, estamos levando o aluno a construir história por meio de diferentes áreas do conhecimento e sob diferentes perspectivas, o que implica enxergar a história como construção humana, que se transforma e se renova todos os dias e não com uma e vidência acabada ‘verdadeira e imutável’.

Assim sendo, não nos propomos a apresentar apenas uma crítica, ao livro didático, ao sistema de ensino, mas antes tentar contribuir para que se possa eleger novas formas, técnicas e métodos, usando a interdisciplinariedade, para este fim.

<sup>4</sup> BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas do político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; p. 184.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Sírley Cristina. ‘História e teatro: novos olhares para o ensino de História’. In: PATRIOTA, Rosângela & RAMOS, Alcides Freire, (orgs). História e Cultura: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002; p. 159-182.

## **CAPÍTULO I**

### **Os livros didáticos de Ensino Médio**

Este trabalho tem como finalidade analisar o tema da Escravidão, mais precisamente o que foi, o que significou “Quilombo dos Palmares”, dentro da historiografia brasileira. A pergunta é: as informações que contém nos livros didáticos, que é o material de que nos dispomos a trabalhar contempla mesmo este tema? Até que ponto realmente temos informações corretas sobre o assunto do que podemos chamar de “a maior forma de resistência negra” do século XVI, que resultou em nossa formação social, com etnias distintas.

Ao tratarmos o tema da “ESCRAVIDÃO”, nos livros didáticos de ensino médio, encontramos uma surpresa, pois além da participação efetiva no processo de colonização do Brasil, os negros aparecem como participantes de revoltas e a mais significativa foi a que ocorreu em “Quilombo dos Palmares”. Este movimento terá melhor referência no próximo capítulo.

Ao analisarmos algumas obras de 2º grau utilizadas em sala de aula por professores da rede pública e privada de ensino, encontramos “pérolas” que nos chamam a atenção para o assunto de Escravidão; assim como na obra “História do Brasil” de Luís Amad Costa e Leonel Itaussu A. Mello<sup>1</sup>, no livro para Ensino Médio, no Capítulo 07, os autores tratavam a escravidão como parte integrante do ciclo do ouro, estabelecendo assim o grande movimento negro como parte integrante do processo econômico da sociedade brasileira, que faz parte das revoltas da época. Estes autores atribuem a formação de “Quilombo de Palmares”, por causa dos maus tratos que os

negros sofriam, resultando assim nas grandes fugas para o mato e para a chamada “sociedade de resistência” (quilombos), onde ninguém que não fosse “irmão” (negro escravo de qualquer parte da região), entrava e só saía desta sociedade para caçar ou ajudar os outros irmãos a fugirem das fazendas.

O grande chefe desta “sociedade” era Ganga Zumba e logo após sua morte quem assume a liderança é Zumbi. Este processo de resistência perdurou por quase um século, começou em 1600 e em 1695 teve seu fim, com a morte de Zumbi, que desembocou em uma ação brutal, com a cabeça de Zumbi cortada e exposta em praça pública para satisfazer os ofendidos e atemorizar os negros. Estas são as informações que este livro para ensino Médio nos remete sobre o assunto da Escravidão no Brasil, mais precisamente sobre “Quilombo de Palmares”.

Existe uma explicação neste capítulo, que menciona que a historiografia brasileira não se refere a inúmeras formas de resistência dos negros e que a falta de documentos ajuda nesta negligência. Esta ‘oculta informação’ passa a idéia aos leitores de que houve passividade e resignação do povo brasileiro.

Um livro que mesmo sendo atualizado (1997), ainda não trata de maneira clara, a Escravidão no Brasil na época colonial, é o livro “História da Civilização Ocidental” de Antônio Pedro<sup>2</sup>, que no Capítulo 27, intitulado “A empresa agrícola Colonial”; relata superficialmente sobre a base econômica da gênese brasileira e ainda não toca no principal assunto desta época, a resistência negra nas fazendas, tendo como principal representante Quilombo dos Palmares.

O que é relevante neste capítulo, é a formação da “Empresa Agrícola”, e o

---

<sup>1</sup> COSTA, Luís C. Amad. & MELLO, Leonel Itaussu A de. “A exploração do ouro e diamantes”. In: *História do Brasil*. São Paulo: Scipicione, 1999, pp 85-98.

<sup>2</sup> PEDRO, Antônio. “A empresa agrícola Colonial”. In: *História da Civilização Ocidental: Geral e Brasil*. São Paulo: FTD, 1997; pp. 117-121.

negro ou escravo negro é simplesmente a base estrutural para a montagem desta Empresa. As suas insatisfações e as sua condição enquanto um ser integrante da sociedade e ainda alguém que fez parte do processo histórico, não é colocado.

O que ocorre é uma transcrição de dados econômicos. Como se formou esta empresa, a quantidade de produção do engenho, a produção açucararia, o lucro e uma outra forma de aumentar ainda mais o lucro: o tráfico negreiro. Sobre o tráfico negreiro, Antônio Pedro fala sobre a captura, transporte dos mesmos e a chegada ao Brasil, bem como descontentamentos no trajeto para o Brasil e a venda dos escravos.

A violência física é revelada, mas o autor considera que a mais brutal violência que os negros sofrem é a cultural, visto que são trazidos negros de toda a África ; isto com o fim mesmo de evitar a comunicação entre os negros para que não fizessem revoltas ou se rebelassem entre si.

Ao referir-se sobre a sociedade colonial ou o modo social de vida desta época, o autor considera três categorias: a do engenho, a casa-grande e a senzala. Contava também que existia a formação de “aldeias” no meio da mata, os chamados “quilombos”, onde os negros reconstruíam sua vida.

No capítulo 32, “ Contradições e Conflitos no Brasil Colonial” de Antônio Pedro, apresenta dois tipos de protestos no Brasil entre os séculos XVII e XVIII, um dizia respeito aos colonos e o outro era anticolonial, com manifestações dos negros e o mais forte de todos resultou na formação do “Quilombo do Palmares”.

A estrutura de apresentação dos problemas com a escravidão é a mesma mencionada já anteriormente, e a constituição de Palmares também é a mesma, o quilombo se forma por causa dos negros das senzalas por causa dos maus tratos dos senhores e feitores, e fogem para Palmares, ali sim, tem-se constituída uma

sociedade negra de igualdade para todos e que oferece proteção para os negros. Este autor chega a considerar Palmares como um “Estado” negro. O fim de Palmares se deu através de uma guerra liderada por Domingos Velho Jorge, mas que não resultou na total disseminação dos negros, segundo o autor, pequenos grupos sobreviveram no mato por mais algum tempo. Podemos notar que o movimento não recebe o seu valor verdadeiro valor, sempre está mencionado com outros movimentos como Revolta de Beckmam, Guerra dos Mascates, o que descentraliza o verdadeiro eixo do problema.

É interessante perceber que mesmo sabendo da existência do processo de escravidão ocorrido no Brasil, alguns autores como José Carlos Pires Moura<sup>3</sup>, que descreve sobre o processo de colonização, em sua obra “A montagem da colonização” localizada na Coleção Anglo (1991-1991) feita especialmente para alunos de 2º grau, considera que Escravidão e Tráfico Negreiro, são partes integrantes deste processo de formação do Brasil, o que está correto.

Uma das razões pelas quais se preferiu os negros aos índios, é exatamente por causa da escassez da mão de obra local (indígena), e pela pouca adaptabilidade ao trabalho do índio. E como o tráfico já se constituía um comércio rentável em Portugal, trazer negros para o Brasil não teve nenhum custo adicional. Moura<sup>4</sup> ainda exemplifica a atual desqualificação da mão-de-obra, que:

“(…) com a escravidão a quantidade e a qualidade do trabalho eram as piores possíveis. Acostumados a esses baixos índices, o país teve dificuldades em elevá-los, mesmo após a Abolição ( 13 de Maio de 1888),(…), todo o trabalho manual era exercido pelos negros, os quais, aliás, não eram considerados seres humanos.”

---

<sup>3</sup> MOURA, José C. Pires. “A Montagem da Colonização”. In: *Coleção Anglo*. São Paulo, 1991.

<sup>4</sup> Ibidem, p.

Imaginemos o que pode significar esta afirmação para os alunos de 2º grau, que são negros e estão estudando por uma melhor condição de vida.

Segundo Robersom Oliveira<sup>5</sup> em “História do Brasil: análise e reflexão”, livro didático para 2º grau, o período da Escravidão, começa com a organização da lavoura de cana-de-açúcar, a necessidade então de mão-de-obra para a execução do trabalho manual, mas ao contrário do autor citado anteriormente, não apresenta o tráfico negreiro como única solução para resolver o problema de mão-de-obra do Brasil, porque justifica que tanto índios como negros resistiram a escravidão, mas explicar a indolência do índio era a única forma de legitimar o tráfico negreiro. E ainda se faz necessário, o tráfico por causa dos interesses da época, fazendo o Brasil ser um elo deste processo com a África, atividade esta muito rentável (processo que contribuiu para a acumulação de capital).

Do transporte até a venda os negros sofriam maus tratos. Eram na sua maioria vendidos em lotes, nestes lotes os negros eram multilíngues, o que conseqüentemente dificultaria uma comunicação entre eles e ainda uma possível formulação de fuga. Cansados dos maus tratos e das grandes humilhações, os negros se rebelavam das mais variadas formas, eram suicídios, assassinatos de capatazes e proprietários, abortos praticados com o intuito de que as crianças não sofressem tudo aquilo que seus pais estavam sofrendo e, a mais temida pelos proprietários: a fuga para Quilombo dos Palmares. José Jobsom de A. Arruda e Nelson Piletti<sup>6</sup>, no livro atualizado de 2001, intitulado “Toda a História: História Geral e História do Brasil”, trata o tema da escravidão no Brasil no capítulo 47, “Resistência e integração: a presença negra na

---

<sup>5</sup> ROBERSOM, Oliveira. “História do Brasil: análise e reflexão”. São Paulo: Ática, 2001, p. 80.

<sup>6</sup> ARRUDA, José Jobsom de, & PILETTI, Nelson. “Resistência e integração: a presença negra na América Portuguesa”. In: *Toda a História: História Geral e História Brasil*. São Paulo: Ática, 2001, p. 200-202.

“América Portuguesa”, com muito espaço. Podemos começar pela dificuldade de se encontrar no índice do livro o tema sobre a escravidão e quilombos, o que vem exemplificar a dificuldade de um aluno de 2º grau em realizar uma pesquisa sobre o assunto.

Relata sobre “A vida de Escravo”, uma análise voltada para condições de vida de trabalho e remete-se ao quilombo quando coloca a resistência ao cativo, dizendo que os escravos iam para os quilombos. Palmares é aqui citado como o mais importante dos quilombos, localizado na Serra do Barriga, estado do Alagoas.

Ao considerarmos o livro de Francisco M. P. Teixeira<sup>7</sup> para ensino Médio intitulado “Brasil: História e Sociedade”; no capítulo 07 e 08, o autor faz um relato sobre “Quilombo de Palmares”, sua origem e declínio. Para o autor, os quilombos significavam uma bandeira de resistência que ameaçava os grupos dominantes.

Dois pontos a serem observados neste capítulo, um, seria dois capítulos destinados ao tema Escravidão e Quilombo de Palmares e outro no final do capítulo apresenta uma proposta de pesquisa com o tema “O que restou dos quilombos?”, e sugere algumas informações de comunidades negras remanescentes dos quilombos; apresenta até uma informação contida na Constituição<sup>8</sup>, no artigo 68 que diz:

“cabe aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras o reconhecimento da propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos definitivos”.

O Oliveira<sup>9</sup> apresenta informações sobre os quilombos que eram lugares no meio da mata, onde os negros fugitivos das fazendas se escondiam dos seus senhores, e estes

---

<sup>7</sup> TEIXEIRA, Francisco M. P. “Viver na Colônia”. In: *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Ática; p.105-121.

<sup>8</sup> . “Resistir na Colônia”. In: *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Ática; p.123-135.

Quilombos eram fortes. O mais conhecido é o de Palmares. Constituiu-se um quilombo muito forte devido a muitos fatores, principalmente a localização geográfica, que ficava no alto de uma morro, dentro de uma mata fechada, cercado por muros perto da costa do mar. Os negros que fugiam para lá, só iam embora se quisessem. Era uma comunidade que se formava com cada “irmão” novo que chegava, era uma colônia de subsistência. O que mais se destaca é o fato de que não somente negros mas, todo aquele que não tinha lugar para ir, se refugiava no quilombo.

A existência de Palmares representava uma ameaça ao sistema escravocrata, porque esta “sociedade” era exemplo para a formação de outras “sociedades” em outros lugares, o que poderia significar o colapso da base econômica do período colonial. É claro que se tentou destruir o único símbolo de resistência do período Colonial, no Brasil, pois de 1600 até 1695 quando conseguiram capturar Zumbi, e colocaram a sua cabeça numa lança para exibi-la em praça pública, este movimento significou o maior processo de resistência negra, e o é até hoje, segundo o autor <sup>10</sup>:

“ (...)a guerra de Palmares evidenciou a vitalidade titânica da resistência negra. Organizados sob a forma de Estado independente e autônomo. Durante quase um século, Palmares resistiu e sobreviveu a inúmeros ataques, tornando-se, assim, o mais poderoso movimento de luta contra a escravidão”.

É interessante ver como estes livros didáticos de história são de fácil leitura, mas alguns não apresentam nem o básico para uma pesquisa de 1º e 2º graus, quanto mais para se dar aulas. O tema da Escravidão, nos livros didáticos, é tratado com pouco caso, alguns nem mencionam que a escravidão faz parte do processo histórico do Brasil, e quando é mencionado, não fazem alusão sobre o importante movimento de

---

<sup>9</sup> Ibidem, pp.90.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 30

resistência que foi Quilombo dos Palmares.

O movimento negro de Quilombo de Palmares é incluso nos processos políticos da historiografia do Brasil, ou ainda aparecem em ordem cronológica, e também como parte de marcos políticos da época. Não existe nem a clareza de se encontrar este assunto no índice dos livros, porque este tema ocupa parágrafos ou ainda linhas dentro de um livro.

Daí se repensar o que realmente estamos ensinando para nossos alunos, qual será o profissional que estamos preparando para o futuro, como lidar com uma sala de aula cheia de alunos, com um horário de 50 minutos de aula e ainda com livros didáticos que não conseguem abarcar um tema tão discutido atualmente, que é a escravidão.

Podemos sim imaginar como os Professores que utilizam estes materiais em sala estão se sentindo, pela falta de informações que os livros apresentam. É complicado estabelecer uma relação de conhecimento versus aprendizado, se partirmos da perspectiva de que o meio através do qual, tiramos o conhecimento, é um meio superficial e incompleto.

Para mostrar o quanto este material está incompleto, desestruturado e ainda muito superficial, no próximo capítulo, conheceremos o escravo negro como sujeito histórico, participante ativo da construção de todo o processo de Escravidão no Brasil Colonial; não como aquele escravo que aceitou a sua condição de submisso como nos mostra os livros que aqui mencionamos.

## Os livros didáticos de ensino fundamental

Apesar de ser um livro de edição muito antiga, sob orientação de Munakata<sup>11</sup> traz claramente o assunto sobre a escravidão no Brasil, explícito em seu índice. O autor aponta traços para a discussão que passam pela cor, preconceito; e justifica a escravidão, explica como os negros vieram parar no Brasil, através do Comércio do escravos, ilustra a rota marítima desenvolvida, etc. Os principais grupos trazidos da África eram os Sudaneses e os Bantos.

A resistência, aqui, é tratada enfaticamente, através das fugas, que eram resultados dos maus tratos nas fazendas, os negros se organizavam em quilombos. A vida no quilombo era uma vida em comunidade, igualmente suas vidas na África, e a cada dia crescia mais. Estes quilombos significavam perigo para os fazendeiros, porque era um foco de resistência negra que crescia e tirava dos fazendeiros seu produto de trabalho e ainda seu lucro, pois os escravos trabalhavam em condições desumanas e não recebiam nada por isto, sendo assim os fazendeiros só lucravam. O maior deste é o Quilombo de Palmares”, que seria derrotado após 65 anos, com a ajuda da coroa portuguesa. ]

Este capítulo é muito rico em informações, principalmente por se tratar de um livro de 1º grau. O item a seguir é sobre as Religiões, que também significava uma forma de resistência, pois cultivavam a religião e conseqüentemente a cultura africana. Esta cultura religiosa se difundiu e é até hoje cultivada na Bahia.

Na obra de Nelson e Claudino Piletti<sup>12</sup> de 2000, o tema sobre escravidão aparece claramente no índice do livro, no Capítulo 16 intitulado “ A Escravidão negra no

---

<sup>11</sup> MUNAKATA, Kazumi, “A escravidão no Brasil”. In: *História 1ª fase: Telecurso 1º grau*. Fundação Roberto Marinho em convênio com o Ministério da Educação e Cultura e a Fundação da Universidade de Brasília- 6ª ed.- Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1996; p 91-97.

Brasil”, os autores expõem de forma brilhante, o processo da escravidão desde as viagens do tráfico que começaram em 1415, e exploram a formação do triângulo comercial formado entre Brasil, Portugal e África, até a exposição das figuras dos negros nos mercados onde eram comercializados.

Existe um breve relato sobre as origens dos escravos, que eram basicamente de dois grupos: os bantos e os sudaneses. Os bantos eram da região da Angola, Moçambique e Congo; e os sudaneses eram da região de Guiné, Nigéria e Costa do Ouro. O motivo de grupos distintos era porque, aqui no Brasil era necessário colocá-los separados para evitar a comunicação, os negros eram arrancados de suas raízes e sofriam muito com isto.

Os autores até colocam um problema muito comum, que é a falta de documentação sobre o período e sobre a vivência dos negros no Brasil. Mas isto porque eram os brancos quem escrevia os documentos, então preferiam falar sobre as tropas que iam combatê-los, e nunca de suas possíveis derrotas ou até mesmo tentativas frustradas de domesticar estes negros. Nos documentos específicos, existe um texto sobre Palmares, que significou o movimento de resistência dos escravos, apresenta uma proposta de se trabalhar com o teatro e poesias para aproximar o aluno do tema.

Este livro principalmente, por se tratar de Ensino fundamental, é muito claro sobre seus objetivos quanto a escravidão no Brasil e o processo de resistência, tendo como representante mais significaste “Quilombo dos palmares”.

Após analisar alguns livros didáticos de Ensino fundamental e Médio, atuais e antigos, podemos ver que, na maioria das vezes, os livros dão continuidade aos temas que já existem, um ou outro autor se disponibiliza a inovações pedagógicas e

---

<sup>12</sup> PILETTI, Nelson, & PILETTI, Claudino. “A escravidão negra no Brasil”. In: *História e vida: Integrada*. São Paulo: Editora Ática, 2000: p 134.

metodológicas. Mas de maneira bem clássica, dão a história da escravidão como algo que fez parte sim do cotidiano da colonização brasileira, mas pacificamente. Que não representou nenhum problema para os fazendeiros e os negros não significaram nenhum perigo à economia brasileira.

No próximo capítulo, veremos a história da colonização brasileira mais especificamente a história da escravidão no processo de formação colonial do Brasil, suas implicações no cotidiano sócio cultural, o papel efetivo do negro na Colonização, sua relação com os outros seus irmãos e com os seus senhores. Veremos vida e morte dos escravos e as principais causas destas mortes, enfim veremos o “maior movimento de resistência negra do século XVII”.

## Capítulo II

### **“Quilombo dos Palmares”: uma história de resistência.**

Antes de começar a discorrer sobre a vida dos escravos em “Quilombo dos Palmares”, vamos colocar o negro no seu devido lugar; o lugar de sujeito histórico. Os escravos fazem parte do processo de dinamização da construção do Brasil e são antes de mais nada instrumentos de produção.

Se levarmos em consideração que o Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão (1888), podemos concluir que na maior parte do processo de desenvolvimento do país, a base econômica se mantinha por causa da escravidão, logo os escravos negros trazidos da África são responsáveis em potencial pela riqueza do Brasil e de muitos ricos do período colonial. Por outro lado, também este fato é responsável pelo atraso cultural da África., sim, porque precisa-se enunciar o “buraco” deixado pelos negros “arrancados” da África e “comercializados” com a coroa portuguesa. Clóvis Moura<sup>1</sup>, sublinha que:

“(…) nestes esquemas, o escravo é apresentado com simples componente passivo da dinâmica histórica e social, isto para que se possa estabelecer em conceito de estruturas sem contradições”.

A condição do negro de instrumento de produção se cristalizava à medida que o racismo crescia. A condição positiva do branco negativava o negro. Marginalizados,

---

<sup>1</sup> MOURA, Clóvis. *Os Quilombos e a rebelião negra*. Editora Brasiliense. São Paulo: 1ª ed.; 1986 p. 08

estes negros impossibilitados de almejar ascensão social, organizavam movimentos de “negação ao sistema”. Eram variadas as formas de negação ao sistema, iam desde fugas até suicídios(que significava a maneira mais expressiva de movimento individual que conseguia seu fim: atingir e mobilizar o coletivo).

Entende-se por propriedade<sup>2</sup>, “(...)o que está fora de nós e nos pertence”; sendo assim o escravo se encaixa perfeitamente neste contexto de ‘coisa’, que está fora de nós mas nos pertence, desde que seu senhor pagou uma quantia por ele, dando a este plenos poderes sobre aquele.

Esta é um dos motivos pelos quais os livros e autores mostram o escravo sempre passivo diante do processo de escravidão, o escravo é reduzido a ‘coisa’, ser inanimado que se extingue-se de vontade própria. Este carácter de passividade dá à construção do processo histórico, uma visão linear de evolução, sem conflitos e sem contradições. Alguns autores que apresentam esta visão, se expõe a críticas como faz, Arthur Ramos<sup>3</sup> a este respeito:

“(…)Negro, ao contrário do índio, foi no Brasil um elemento passivo e resignado ao regime da escravidão.(...) o índio reagiu violentamente á escravidão, fugindo para as selvas, ao passo que o Negro Africano, humilde e dócil, deixou se capturar, submetendo-se sem protesto ao trabalho escravo”.

---

<sup>2</sup> GORENDER, Jacob. *O escravismo Colonial*. São Paulo: Ática, 1978, pp.63.

<sup>3</sup> *Ibidem*, pp.17

Esta noção de propriedade, de passividade, por se tratar de ser humano, está conciliada com a sujeição pessoal; encaixando o negro a definição exata de escravidão de Montesquieu<sup>4</sup>;

“(…)A escravidão propriamente dita é o estabelecimento de um direito que torna um homem completamente dependente de outro, que é o senhor absoluto de sua vida e de seus bens”.

Isto torna então o escravo, coisa e não ser. O que o regime escravista fez foi testificar esta “coisificação” do escravo. Os escravos eram marcados com ferro em carne, assim como o gado, e quando esses sumiam, eram procurados e reconhecidos pelas iniciais que estavam marcadas.

A Sociedade escravista não dava direitos aos negros, mas reconheciam os deveres dos mesmos, quando reconheciam o “primeiro ato humano dos escravos”, que era o crime na maioria das vezes contra seus donos; contra si mesmos e através das fugas. As penas eram as mais duras possíveis, esses castigos brutos foram registrados pelo Código Filipino<sup>5</sup>, assim subscrito:

“(…)Ordenações Filipinas. Livro Quinto, Título 41: mandava açoitar e cortar uma das mãos do escravo que arrancasse arma contra o senhor sem chegar a feri-lo, a pena era triplice, o escravo tinha decepadas ambas as mãos, as carnes apertados com tenaz ardente e morria na forca. A legislação penal das Ordenações era longe de branda para os próprios homens livres, pois estes também sofriam pena de decepamento de mão no caso de certos crimes(…)”.

---

<sup>4</sup> Ibidem, pp. 61.

<sup>5</sup> Ibidem, pp. 65.

Todos os castigos impostos aos negros só apresentavam um fim: mantê-los submissos aos seus senhores. Por mais que a historiografia mostre a passividade dos escravos no período colonial da história do Brasil, após contemplarmos este documento das 'Ordenações Filipinas', vemos que não é verdadeiro esta condição. Se os negros fossem dóceis, e por não terem direitos, porque teriam deveres? Os escravos, desde que trazidos ao Brasil, por meio do Tráfico Negreiro, sempre sofreram absurdas agressões, e não só físicas. Ao chegarem, ou melhor aqueles que conseguiam chegar aos portos, vivos; eram comercializados num mercado livre, próximo aos portos como animais. Fosse chuva ou sol a companheira do dia, lá estavam eles.

Podemos nos perguntar, como estes negros eram trazidos da África, e a resposta é a seguinte: Os reis, chefes de organizações, tribos, aldeias da África, negociavam com a coroa Portuguesa e vendiam seus súditos e/ou irmãos, desta maneira os navegantes compravam por preços baixos ou ainda trocavam os negros por especiarias, trazidas de Portugal. Ao chegarem ao Brasil, desconsiderando as condições de viagem, é claro, porque o trajeto era um verdadeiro martírio, (nas navegações, as condições de amontoamento de pessoas, facilitava a propagação de doenças; ou morriam por suicídios, pulavam no rio, se enforcavam, etc.), e ainda estes mesmos negros eram vendidos a preços esorbitantes. Era sem dúvida nenhuma um comércio muito lucrativo, para o triângulo comercial, que se formava entre Brasil, Portugal e África.

A África na condição de pobreza conseguia se manter em parte com o tráfico negreiro, ora pelo dinheiro de venda de escravos, ora pelas trocas de gêneros e algumas especiarias. Portugal comprava os escravos a baixos preços e os vendia a preços

altíssimos; e o Brasil que necessitava de mão-de-obra e ainda não tinha tanto capital, pagava uma vez, por um escravo que iria trabalhar até morrer, sem receber nada em troca, apenas uma senzala para dormir e resto de comida vinda da casa grande. O lucro era realmente alto a um custo muito baixo.

Para o desenvolvimento do Brasil, este era um caminho claro e muito viável, por isto era considerado 'normal', o escravismo colonial no Brasil. Os negros assim que distribuídos aos seus donos, eram transportados para as fazendas para o trabalho escravo; os 'lotes'- assim era chamado o agrupamento de homens negros trazidos da África- possuíam negros de vários lugares, que propositalmente eram separados pelos feitores. Estes feitores eram homens(negros/brancos), de confiança dos senhores; o fato de separar por região, era para que não houvesse comunicação entre os negros, evitando assim prováveis revoltas contra o sistema colonial e econômico da época.

Bom inicialmente, era pensado esta forma para se evitar revoltas, e com vermos mais a frente, este método não fora eficaz.

## Vida de escravo

Os escravos viviam em comunidade. Eram iguais e solidários até nos castigos. Sim, porque o que mais unia os escravos eram os castigos que eles sofriam. A condição de humilhação a que eram jogados aqui no Brasil, por volta do século XVI e XVII, causavam nos negros um sentimento de resignação, que Goulart<sup>6</sup> descrevia assim:

“(…)Por demais sabido é ter se visto aqui negros que, na África, pertenciam a realeza: rei, príncipe e rainha, etc. Ora, essa gente, antes livre e poderosa, agora escravizada e humilhada, não iria resignar-se tão facilmente ao relho, a palmatória, ao tronco, e a todas as demais misérias a que o europeu houve por bem submeter o escravo negro”.

Diante desta situação, de total desespero, por estarem longe, fora e deslocados de seu ‘habitat’, os negros resistiram. As mais variadas formas de resistência aconteciam nas fazendas por todo o Brasil. Este é o fator de relevante importância dentro da historiografia brasileira, que na maioria das vezes, nós deixamos esquecer ou nos acomodamos a não falar sobre o assunto.

O negro nunca foi dócil e conformado com a sua condição social dentro do período de escravidão,(e acredito que por causa das raízes e preconceitos, ainda não o é até hoje), aliás este período é de grande efervescência de conflitos que os negros chefiavam. A maior delas resultou em ‘Quilombo dos Palmares’, que discutiremos mais tarde.

---

<sup>6</sup> GOULART, José Alípio. *Da fuga ao Suicídio; aspectos de rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista Editora, INL; 1972; pp.21.

Injuriado com a condição desfavorável em que viviam, com os maus tratos e o trabalho excessivo, os escravos tentavam várias formas de fugas, entendendo por fuga qualquer forma de negação ao trabalho escravo; seja ela fuga para o mato, suicídio, tentativa de revoltas com os negros, assassinatos contra os fazendeiros ou capitães do mato (pessoas que recebiam muito dinheiro para capturar os escravos fugitivos), e negação ao trabalho ainda que fosse pela doença ou depressão.

A fuga era a primeira forma de demonstração de rebeldia por parte do negro, e Goulart<sup>7</sup> assim nos diz:

“(...) ressabiados com a experiência compulsória de sua captura em África e de sua longa e torturante viagem até estas plagas, o negro escravo, tão logo chegado, mal introduzido nas lides de trabalho e de novos sofrimentos, assim que o relho lhe cantava no lombo, abrindo-lhe nas carnes fundos e sangrentos lanhos, não titubeava: metia o pé no mundo”.

Mas esta, não era uma forma muito segura de rebelar-se contra o sistema colonial, porque eram capturados, na maioria das vezes. A segunda forma de resistência ao escravismo, era o suicídio. Muitos negros encaravam a morte como única forma de alívio para os tortuosos dias vividos na fazenda, sob os açoites dos feitores e ao trabalho duro sem pagas nas fazendas. Afogavam-se, baleavam-se, estrangulavam-se, envenavam-se, esfaqueavam-se, etc., mas o mais interessante e cabuloso modo de suicídio era o de auto eliminação através da auto asfixia. Sobre isto, lemos em Goulart<sup>8</sup> que:

---

<sup>7</sup> Ibidem, pp. 114.

<sup>8</sup> Ibidem, pp. 125.

“(…)Mais trágico e mais belo, entretanto, pelo heroísmo que o desespero acordava na alma desses pários rebelados, era o suicídio pela auto asfixia, que eles provocavam engolindo a língua, obturando com ela a passagem do ar até que sobreviesse a morte”.

Este trecho nos mostra tamanha a coragem e o desgosto para com suas vidas nas fazendas. É algo inimaginável; se levarmos em consideração as atrocidades que os negros praticavam contra sua própria vida. As ocorrências desta natureza, eram infinitas, segundo um presidente da Bahia, dos 43 suicídios registrados num relatório em 1º de Março, 19 foram praticados por escravos. Este é um número muito significativo, se observarmos que os escravos mortos teriam que ser substituídos. Conclusão: o tráfico de escravos era um ciclo vicioso e contínuo.

Essa postura de ‘comprar’ mais escravos para substituir os que haviam morrido, causava ódio nos outros escravos, que não enxergavam outra saída para finalizar este enfadonho ciclo se não pelo assassinato dos fazendeiros. As tentativas muitas vezes eram frustradas e os escravos se matavam também; esta situação era tão corriqueira que os escravos não se incomodavam mais. Este relato apresentado em um estudo feito da cidade de Manaus, entre 1850 e 1851, pelo botânico Richard Spruce, chama a atenção, e assim segue<sup>9</sup>:

“(…)cinco escravos fugiram para Purus, mas foram capturados. Um deles mostrou-se de tal modo indócil que se julgou necessário encadea-lo por uma por uma perna a um poste, no pátio.’ A noite, atravessando o seu senhor o pátio, o escravo tentou assassiná-lo com uma faca. Frustrada a sua tentativa encostou o cabo da faca no poste e rasgou o seu próprio ventre”.

---

<sup>9</sup> Ibidem, pp. 126.

Focando as fugas, como nosso principal assunto de discussão, poderíamos nos perguntar já que as fugas eram tão frequentes, e estes negros estavam longe de casa, para onde estes negros iam? Porque havia tanta fuga, se estes escravos ficavam aos arredores da fazenda? E os fazendeiros, donos dos escravos, o que faziam? Para estas perguntas temos uma única resposta: a formação do maior reduto de marginalizados da nossa história, os Quilombos.

## Os Quilombos

Os quilombos ou Mocambos, que significava ‘esconderijo’, eram aglomerações de três ou mais escravos, que fugiam das fazendas e se encontravam em determinado lugar e ali, ficavam para viver em liberdade, já que voltar para casa era quase impossível.

A localização dos quilombos eram sempre de difícil acesso, eram em matas fechadas, perto de riachos e de árvores frutíferas, para estes negros poderem se alimentar, mas o solo destas áreas era também muito fértil, pois assim que se estabeleciam, começavam a produzir para a subsistência.

Estes quilombos ou mocambos representavam um fator de inquietação para a sociedade latifundiária da época, pois com o passar dos dias, estes quilombos significavam uma “ponta de esperança” para os outros escravos que viviam sujeitados aos maus tratos, nas fazendas, como possibilidade de vida livre, já que a volta para casa (África), seria quase impossível. O que vale lembrar é que os quilombos significaram uma reação de defesa aos maus tratos, contra os excessos e aos castigos mas não contra à escravidão em si.

Tanto é verdade, que<sup>1</sup>:

“(…)o quilombo, graças a sua organização, constituía-se um fator altamente negativo para o equilíbrio econômico e social da região em que se formava, sendo que, em regra, os escravos costumavam aquilombar-se em local não muito distanciado das propriedades onde serviam”.

Com a efetivação dos quilombos, verdadeiros “ESTADOS NEGROS”, se consolidavam aqui, no Brasil. Dentro destas comunidades, o que se constituía era um resgate aos costumes africanos, e os negros escravos podiam ao menos viver de acordo

com sua cultura, salvos as devidas proporções. Fato de suma importância, é que nos quilombos não apenas negros viviam, viviam uma parcela da sociedade marginalizada: índios, mulatos, crioulos, muçulmanos, ladrões, assassinos (podendo estes serem brancos), negros com algum defeito, e mulheres brancas, que eram roubadas das fazendas pelos escravos para se tornarem suas esposas.

O crescimento dos quilombos, se deu também graças ao isolamento nas matas e com certeza ao solo fértil, que permitiu que se retirasse do solo o sustento daqueles que ali estavam ilhados. Vários quilombos se espalharam pelo mundo, mas o maior e mais significativo para a história política do Brasil, foi o “Quilombo de Palmares”.

Palmares, era constituído de vários mocambos, e por isto possuía uma extensão territorial considerável, já que sua estimativa era para comportar 20 mil pessoas; localizado na Serra da Barriga entre Alagoas e Pernambuco; é sem dúvida o maior de todos os quilombos. E seguindo este, o Quilombo de Ambrósio, localizado em Minas Gerais, entre Ibiá e São Gotardo, com uma população estimada em 10 mil habitantes.

A localização de Palmares se dava da seguinte forma<sup>1</sup>:

“(...)a dezesseis léguas de Porto calvo ficava o mocambo de Zumbi; a cinco léguas mais ao Norte localizava-se o de Acotirene; a Leste destes dois mocambos chamados das Tabocas; quatorze léguas a Noroeste destes dois localizava-se o de Dambrabonga; ao Norte deste a “cerca de Subupira”, onde se localizava o quartel-general da república; a seis léguas mais ao Norte, a cerca real do Macaco, capital da República; a cinco léguas a Oeste o mocambo de Osenga; a seis léguas de Serinhaném, para Noroeste, localizava-se “cerca” do Amaro; a vinte e cinco léguas de Alagoas ficava o de Andalaquituche, irmão de Zumbi, a vinte e cinco de Alquatune, mãe de Zumbi; além de muitos outros menores”.

A vida em Palmares era uma maravilha, pois todos os costumes africanos podiam ser celebrados sem que nenhum senhor viesse para interromper. A religião dos Quilombos era

uma mistura de Cristianismo com ritos africanos, era um sincretismo muito forte, porque assim que chegados ao Brasil, os negros eram obrigados a aceitar a religião católica, que servia como anestésico para estes se subordinarem às novas rotinas. Isto pode se ilustrar com a seguinte passagem<sup>2</sup>:

“(...)havia uma capela na capital da república(Macaco), com imagens do menino Jesus, Nossa Senhora da Conceição e de São Brás”.

Mas, só nos santos se constituía o sincretismo, porque com relação a constituição da família, a poligamia dominava, os negros escravos podiam ter as mulheres que quisessem, até mesmo as brancas, que muitas vezes teimavam em buscar nas fazendas de onde haviam fugido. E não havia uma pessoa responsável pela religião, como no Cristianismo, onde encontrávamos sempre uma pessoa responsável pela evangelização.

Também poli, era a agricultura desenvolvida nos quilombos. A agricultura de subsistência, que era servida neste local, se propiciava do solo fértil e de muita mão de obra preparada para o plantio e a pecuária. Tanto era satisfatório os resultados dentro destas plantações, que assim que retirado o necessário para o sustento dentro do quilombo, o excedente era comercializado com os vizinhos da região, assim podemos entender o regime escravista como<sup>3</sup>:

“(...)de caracter nitidamente antieconômico(...), ilustrado por esse contraste entre o rendimento do trabalho do negro quando livre e quando escravo”.

---

<sup>1</sup> MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo: Brasiliense; 1981, pp 36.

<sup>2</sup> Ibidem, pp.36.

<sup>3</sup> Ibidem, pp 40.

A respeito dos vizinhos, podemos lembrar que a negociação era feita muitas vezes não por vontade mas por medo. Ora medo dos ataques, ora medo de assassinatos e ainda medo dos negros se vingarem em suas filhas e filhos, levando-os para os quilombos, pois depois de levados aos quilombos quem os iria tirar? A negociação de armas também era feita nas vilas vizinhas, tanto que quando ia se montar uma expedição, os homens de armas, vinham sempre de fora para evitar que os negros ora soubessem das expedições, ora pudessem ameaçar estes homens, intimidando-os.

As afirmações culturais dentro dos Quilombos, ganhavam consistência e se consolidavam a cada dia mais e mais e, eram a característica social deste grupo. Podemos verificar esta condição de enraizamento cultural, se considerarmos a condição cultural que os negros carregam consigo de maus escravos, vemos que estes não se constituem maus trabalhadores a exemplo dos rendimentos que tinham dentro dos Quilombos, mas eram maus escravos, pois estavam acostumados a trabalhar sim, mas serem mal tratados não. A rebeldia não era por serem negros mas por serem escravos.

Um lugar assim tão bem organizado, com uma localização privilegiada (serra), tinha que ser antes bem protegido, porque era alvo de constantes “entradas” (nome dado as investidas militares contra os quilombos, por parte dos fazendeiros, com apoio da coroa Portuguesa), mas durante quase um século, nenhuma destas expedições deram resultados.

O exército de Ganga Muiça, era quem defendia os palmarinos, e segundo as leituras que encontramos, era realmente difícil entrar por estes muros tão bem vigiados, porque a paz que reinava dentro dos quilombos, era necessária para que se concretizasse o trabalho e estes que trabalhavam não tinham como vigiar as entradas da “Republica”. A hierarquia militar era obedecida e o contingente armado estava sempre a postos para qualquer

problema. Assim nos descreve a vigilância de palmares em tempo de paz<sup>4</sup>:

“(...)nas três plataformas que se localizavam sobre as três portas principais do mocambo do Macaco havia uma constante vigilância, um capitão acompanhado de 200 homens”.

Um exército assim só poderia mesmo, causar além de muitos prejuízos a coroa portuguesa, respeito pelas autoridades locais, que está claramente relacionado neste trecho<sup>5</sup>:

“(...)esse exército era tão forte que levou as autoridades portuguesas a receberem, em 1678, uma delegação palmarina com as honras de embaixada, isto depois de várias batalhas terem sido travadas e Palmares ter sofrido diversas perdas em consequência das investidas das tropas escravistas”.

A documentação a este respeito era escassa, mas pelo tamanho das organizações que os fazendeiros e a coroa portuguesa faziam, dava pra se imaginar o tamanho do problema chamado Palmares. Este quilombo perdurou de 1630 a 1695. Como um quilombo com esta extensão política foi derrotado?

Tudo começou em 1678, quando o líder, Ganga Zumba, resolveu aceitar o acordo de Paz com Portugal, pois este estava cansado de tanta guerra e sem contar nas muitas vidas que perdiam sempre que tinham que guerrear. Mas uma parte de Palmares, chefiada por Zumbi, seu sobrinho e conhecido por “general das armas”, não aceitou este acordo e resolveu se impor. Os negros mataram o então líder; o rei Ganga Zumba, envenenando-o; e segundo Edison Carneiro<sup>6</sup> a frente do poder militar, social e político de Palmares, foi tomada por Zumbi.

---

<sup>4</sup> Ibidem, pp 45.

<sup>5</sup> Ibidem, pp 47.

<sup>6</sup> CARNEIRO, Edison. *O quilombo dos Palmares*. São Paulo: Editora Nacional, 1988.

Mais tarde, este também viria a morrer de uma maneira muito trágica, e tendo sua cabeça cortada e exposta em praça pública, para dizer aos negros que o seu líder morreu e que não adiantaria resistir mais. Segundo consta em alguns documentos, analisados anteriormente, Zumbi em 1675, quando ainda era “general das armas”, havia sido ferido por um tiro de bala na perna, “e sobrevivido a este atentado, ficara aleijado de uma perna”.

Zumbi, estava em combate, e haveria de ser traído por um dos seus mulatos. Este fora pego no seu esconderijo. A notícia da morte de Zumbi só seria anunciada em 1696, em carta para o rei pelo governador Caetano de Melo e Castro. Contava este que Zumbi fora morto em uma emboscada sob o comando de André Furtado de Mendonça. A data oficial da morte de Zumbi é 20 de Novembro de 1695, dois anos depois da destruição do Macaco, capital de Palmares, o que demonstra como estes guerreiros ainda resistiram. Sobre este episódio Carneiro<sup>7</sup> relata:

“(…)Este é o Zumbi da História. Não o que se atirou do rochedo, num grande gesto teatral, mas o que continuou vivo, reagrupando os seus homens, organizando novamente as forças de resistência do quilombo, - a mais prolongada tentativa de autogoverno dos povos negros no Brasil”.

Mas antes desta destruição total, muitas expedições militares foram insatisfatórias para a Coroa Portuguesa. Em 1694, com a chegada do Capitão Domingos Jorge Velho (este nome não pode deixar de ser lembrado), uma emboscada foi preparada e com sucesso realizada. Estava destruída a cidade de Palmares; mas a morte de Zumbi, só seria anunciada em 1696.

---

<sup>7</sup> Ibidem, pp 41.

O Capitão Domingos Jorge Velho, exigia como paga pela destruição de Palmares, apenas um “Terço”, de terras; e segundo ele em São Paulo, já não havia mais terras para “lavrarem e trabalharem”. Tamanha era o desenvolvimento das terras onde ficava Palmares, e também igual o seu rendimento, que não poderia deixar de causar inveja e desejo alheio. O mais importante motivo de destruição de Palmares, foi sem dúvida, as terras. Não seria justo que os que aqui, chegaram primeiro e investiram seus Títulos de poder nestas terras sem fim, ficassem sem a terra mais produtiva e mais falada porção territorial Brasil; que antes era mato só e agora se constitui uma economia para além da subsistência de mais de 20 mil pessoas.

---

<sup>1</sup> Ibidem, pp. 193.

### CAPÍTULO III

#### **“Arena conta Zumbi”: uma proposta trabalho em sala de aula.**

Para fazermos uma análise da peça “Arena conta Zumbi”, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, com música de Edu Lobo, precisamos lembrar que a história aqui contada é uma fábula em relação à história apresentada no Capítulo II.

Precisamos antes situar o tempo em que este espetáculo foi escrito e seu papel. Este espetáculo foi criado por volta de 1964, após o golpe militar instaurado no Brasil que fechou qualquer possibilidade de manifestação cultural, principalmente se falasse da situação política. Cláudia Arruda Campos<sup>1</sup>, assim descreve a necessidade do “Arena”:

“(...)É preciso reagir à nova ordem estabelecida que veio sufocar as manifestações e organizações populares. Destruídos os diversos movimentos de arte e cultura, é preciso encontrar novas formas para, sob a censura, sob a pressão, continuar desenvolvendo uma arte coerente com as então generalizadas concepções de arte popular, como arte que se avalia ao povo na perspectiva de sua libertação”.

O tema “Zumbi dos Palmares” (resistência à escravidão-1630-1696), foi eleito por causa da relação que se pretendia estabelecer com aquela conjuntura da política no Brasil (ditadura militar-1964), porque Zumbi foi antes de mais nada uma resistência em meio à repressão dos fazendeiros e da Coroa Portuguesa, assim como estava sendo, o povo brasileiro nas mais diversas formas, reprimidos pela ditadura militar.

---

<sup>1</sup> CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Zumbi, Tiradentes*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988 pp. 09

Estas análises de porquê esta peça foi encenada neste período do pós-64, esclarece o verdadeiro pano de fundo do enredo da peça<sup>2</sup>:

“(…)A inserção de diversas referências ao presente relembra constantemente a que época se devem ajustar as lições extraídas do evento narrado: o episódio de Palmares será a metáfora dos acontecimentos de 1964. Pretende-se analisar o golpe de abril, a derrota das forças populares, expondo suas causas de modo a subsidiar uma atitude de resistência”.

E mais, as alianças feitas devem antes ser bem justificadas, porque<sup>3</sup>:

“(…)os diversos setores da classe dominante podem ter contradições entre si, mas não tão fundamentais que os impeçam de se unirem caso o povo ameace de algum modo seus interesses. Os setores “amigos do povo” só o são enquanto este servir a suas ambições, caso contrário, são capazes de se somarem aos grupos sociais mais retrógrados para esmagar o inimigo fundamental”.

O musical é iniciado com uma música que anuncia o motivo da existência da luta em Palmares e o porquê da peça<sup>4</sup>:

“(…)O Arena conta a história  
Pra você ouvi gostoso,  
Quem gostar nos dê a mão(bis...  
E quem não, tem outro gozo.  
História de gente negra da luta pela razão,  
Que se parece ao presente pela verdade em questão,  
Pois se trata de uma luta muito linda na verdade:  
É luta que vence os tempos, luta pela liberdade!  
A história que Arena conta é a epopéia de Zumbi,  
Tanto pó e tanto contra juro em Deus que nunca vi(…)”.

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>4</sup> GIANFRANCESCO, Guarnieri & BOAL, Augusto. “Arena conta Zumbi”. São Paulo. 1965; p. 01

Assim ,que enunciada a obra, exemplifica-se o tráfico negreiro<sup>5</sup>; que aqui começa a ilustrar uma passagem da história dos negros que seus reis na África quando chegados ao Brasil se tornavam igualmente escravos:

“(...)Feche os olhos e imagine  
viver em mil e seiscentos  
em plena terra africana  
vendo os maiores portentos  
Havia guerra e mais guerra  
Entre o pessoal de lá  
Era gente de Zambi que só queria lutar.  
É assim que conta a história  
Que num feio navio negreiro  
Rei Zambi tão afamado  
Viajava prisioneiro”.

Como pretendemos apresentar uma proposta que possa, por meio do Teatro, criar um vínculo maior entre o aluno, o professor e a disciplina de História, podemos neste trecho avisar das hierarquias dos negros e que, quando trazidos ao Brasil, se tornavam escravos, para ilustrar bem como estes negros eram expropriados até em seus títulos. Tamanha riqueza de dados, podemos simplesmente apresentar esta peça e daí subtrair todos os indicativos do processo que são necessários.

Na sequência, fazemos uma explanação sobre o mercado onde eram vendidos os escravos<sup>6</sup>:

“(...) Olha o negro recém chegado. Magote novo, macho e fêmea em perfeito estado de conservação. Só vendo moço e com força. Para serviço de menos empenho tem os mais fracos e combalido, pela metade do cobrado. Quinze mil réis o são, sete mil e quinhentos os estropiados. Escravos angolano purinho. Olha o escravo recém chegado, magote novo, macho e fêmea”.

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 03

<sup>6</sup> Ibidem, p. 04

Podemos separar os passos da peça e colocá-los à disposição dos alunos, para que estes possam, ora desenvolvê-los como documento em sala de aula, para discussões, ora como teatro. Pelo tamanho da peça, poderíamos levar para um trabalho extra-classe, que pudesse envolver o aluno; e neste contexto trabalharíamos outras questões como disciplina ou a falta dela, desinibição dos alunos, relacionamento com o professor. Existem relatos de trabalhos semelhantes que alunos inicialmente problemáticos apresentariam posteriormente uma melhora significativa quanto à disciplina.

Este trabalho interdisciplinar, é antes de mais nada, uma tentativa de enquadrar o aluno dentro de um sistema de ensino para prepará-lo para um futuro, e este aluno não é só intelecto, sua aprendizagem está relacionada com sua vida.

No trecho a seguir, vamos contemplar as mais variadas formas de castigo, que os negros sofriam nas senzalas, e tamanha a riqueza de dados, nunca vimos em livro didático, que pudéssemos aproveitar, assim segue o trecho<sup>7</sup>

“(...)Se desagradava ao branco

-Tronco

Pescoço, pés e mãos imobilizados entre dois grandes pedaços de madeira retangular

Se houvesse ofensa mais grave

-Viramundo

Pequeno instrumento de ferro que prendia pés e mãos ao escravo/ forçando-o a uma posição incômoda durante vários dias.

Se a ofensa requeria castigo mais prolongado

-Cepo

Longo toro de madeira que o negro deveria carregar à cabeça preso por uma corrente ao tornozelo.

Se fugisse

-Libamo

Argola de ferro que rodeava o pescoço do negro com uma haste terminada por um chocacelho

-Ou então a gargalheira:

-Ou golilha.

Sisteme de correntes de ferro que impedia os movimentos.

Se furtasse.

---

<sup>7</sup> Ibidem, p 05.

-Prendiam-lhe na cara uma máscara de folha de flandres fechado no occiput por cadeado e penduravam-lhe nas costas uma placa de ferro com os seguintes dizeres: "LADRÃO" ou "LADRÃO e FUJÃO".  
Se o senhor queria obter confissão do negro apertava seus polegares com os anjinhos  
Dois anéis de ferro que diminuía de diâmetro a medida em que se torcia um pequeno parafuso provocando-lhe dores horríveis.  
Nas faltas mais graves o negro era suplicado públicamente nos pelourinhos de cidade com o ...  
-Bacalhau  
Um chicote especial de couro cru".

Ao considerarmos o negro como ser humano, e falando nos maus tratos, alguns autores caracterizam o período da Escravidão no Brasil, como se os negros apenas sofressem castigos e mais nenhum tipo de agressão. Após lermos estas linhas acima, vamos perceber que o negro era reduzido a "coisa", a um instrumento de produção que, mas com um agravante, deveria antes ser máquina ou animal irracional que não haveria de sofrer tantos castigos absurdos.

Selecionamos desta maneira qual a consciência de uma época, em que o homem só é considerado enquanto tal se possuir fazenda ou for branco. A consciência de trabalho, ou riqueza, que está impregnada nesta fase de construção do Brasil Colônia, é fruto da Coroa Portuguesa, em querer se enriquecer mais a custa dos homens vindos de outros lugares, porque antes tentaram escravizar os índios, mas como estes estavam em seu 'habitat' natural livres e nada afáveis ao trabalho escravo, este processo abortou. Dai se firmar os abusos da maneira que se constituiu para com os negros.

Diante deste quadro de torturas e mais torturas, só restava ao negro a fuga. Antes de passarmos adiante, devemos esclarecer que as fugas tinham a razão única de fugir dos maus tratos, não era do trabalho, porque como já vimos, o negro era mal escravo por causa das condições de trabalho a que estava condicionado e não pelo fato de ser negro. Sempre que fugiam, iam para matos próximos das fazendas que moravam, tanto

por causa dos amores como por causa de comida. E o fator que fez deste período o mais turbulento para a Coroa Portuguesa, a formação dos quilombos<sup>8</sup>:

“(...)Negros do todos os lugares procuravam as matas fugindo desesperados. Horror a chibata, ao tronco, às torturas. Buscavam no desconhecido um futuro sem senhor. Enfrentavam todo perigo. Fome, sede, veneno, flexas dos índios, capitães do mato. Agonia pela liberdade. Idéia de ser livre”.

Alguns negros, por medo deste desconhecido, preferiam continuar nas fazendas, ao menos sabiam se iam comer e beber, a terem que procurar lugar e comida no meio da mata. Ainda existia o medo de ficar sem as mulheres. Nos trechos a seguir<sup>9</sup> iremos visualizar este processo melhor:

“(...)NICO - Não quero se livre. Ser livre pra que?

1 - Quietto Nico, tu vem cum nós.

NICO - Pra que? Me diz. Pronde é que vocês vão?

2 - Pra longe, o lugar eu não sei.

NICO - Eu fico. Menos sei onde estou.

3 - Tu vem cum nós, que braço faz falta.

NICO - vou coisa nenhuma. Ter muita querença dá sempre em bolo.

4 - Quem é negro tem sua sorte que é essa de taí de escravo.

5 - Coisa nenhuma, sorte de negro é ganhar a mata, plantá, construir cidade, seus reis, sua nação.

NICO - Quem muito quer cai em desgraça. Deixa de ser tão querençoso, mano. Aqui se come, se bebe, se tem teto pra dormir. Negro ladino consegue escapar da chibata e até que a Sinhá daqui não é das mais malvadas.

6 - Cala a boca, negro, tu já perdeu a vontade?

NICO - vontade eu tenho de ser de mim.

7 - Melhor o desconhecido do que essa prisão.

NICO - Melhor se saber do que se arriscar. O que é que tem aí pela frente, me diz? Que é que tem ninguém sabe, né?

1 - Sabemo, que tem gente que já viu. Tem palmeira, árvore de não se acabé.

NICO - Palmeira e árvore e daí?

(cantam uma canção que fala das dádivas da natureza).

NICO - Pare meu irmão de falar em tanta mata

Com tanta planta eu não sei o que fazer

Mas diga lá se tem bicho pra comer.

( descrição da riqueza da fauna)

NICO - para meu irmão de falar em tanto fera

Com tanto bicho eu não sei o que fazer

Um bichinho pra comer eu só quizera

Com tanto assim eles cão é me comer.

<sup>8</sup> Ibidem, p 06.

<sup>9</sup> Ibidem, p 07.

( descrição dos rios, das cobras , dos pássaros)

NICO - Mas e nessa abençoada região

Será que tem o que faz falta na verdade?

TODOS – O que é. O que é?

NICO - Me diga meu irmão, se nessa grande mata é possível, é possível Ter mulher?

TODOS – Ai está uma coisa que não. (tristes)

NUCO - Pois sendo assim eu prefiro o cativoiro.

TODOS – Meu irmão está com a razão

Vai lá Carengue e toma as providências – 20 negras! 40= pra cada um !”

Este trecho mostra além dos motivos de acomodação de alguns negros a não quererem ir para as matas, ora por causa das dificuldades, por medo do desconhecido, ora por falta de mulheres, que para os negros era tão essencial como a liberdade, uma sem a outra não teria importância.

No último verso deste trecho aparece uma questão muito intrigante: o reforço ao machismo, dizendo que as mulheres só servem para satisfação carnal do homem. O incrível é que este machismo é aprovado pela fala seguinte<sup>10</sup> das mulheres negras que preferem ser roubadas pelos negros que pertencerem aos seus senhores.

“(...) Pois é, de sinho em sinho,  
eu prefiro meu nego que é da minha cor”.

Iremos contemplar, agora, uma fala na personagem de Zambi, que se assume enquanto rei destes negros fugidos, e explica porque apesar das dificuldades é preciso resistir<sup>11</sup>;

“(...) Zambi- Ser livre é num encostar o corpo. Ser livre é vigiar e poder continuar senhor de si. Quem procura na vida só o que é doce, não vai ter nem doce e nem fel, vai ser vazio e sem resina, homem perdido pra vida, escravo no fato e na verdade”.

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 11.

Estas linhas são endossadas com a criatividade do que pode fazer o negro, se por exemplo pegar a argila, a madeira, a pele de animais, etc., Zambi encoraja os seus irmãos a montarem uma comunidade, a serem donos de suas vidas, donos de seus trabalhos e donos dos seus meios de subsistência; pois é possível viver nessa terras(Brasil), que muita riqueza possui<sup>12</sup>.

“(...)Essa riqueza tem fonte e essa mão livre tem dono.  
Ajoelha quilombada que o dono mora nas estrelas.  
O rei agradece e seu povo concorda”.

A religião dos negros é nesta fase de construção dos Quilombos, muito enfatizada. Antes quando os negros chegaram ao Brasil, foram-lhe impostos os preceitos do Cristianismo, com o intuito de ‘adormecê-los’, de acalmá-los, para evitar que estes negros pudessem se rebelar de alguma maneira. Este sincretismo religioso está tão arraigado que a Ave Maria do Cristianismo<sup>13</sup> ficou da seguinte maneira, segundo a nossa peça de Teatro.

“(...)ZAMBI- Ave Maria cheia de graça. Olorum é convosco.  
Bendito é o fruto de vosso ventre  
Bendita é a terra que plantamos  
Bendito é o fruto que se colhe.  
CORO- Ave Maria bendito seja  
Ave Maria cheia de graça, Olorum.  
ZAMBI- Bendito é o trabalho neste campo  
Bendita é a água que se bebe  
Bendita é a mulher que quem se gosta  
Bendito é o amor e nossos filhos.  
CORO- Ave Maria bendito seja  
Ave Maria cheia de graça, Olorum  
ZAMBI- Bendita é a palmeira, o rio, o carnaval  
Bendito é o peixe que se come  
Bendito é o gado que se come.  
CORO- Ave Maria bendito seja

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 12.

Ave Maria cheia de graça, Olorum.  
 ZAMBI- Bendita é a caça e a flexa  
 CORO- Ave Maria, bendito seja  
 ZAMBI- Bendita é a enxada e a semente  
 CORO- Bendita seja, cheia de graça, Olorum  
 ZAMBI- Perdoai os nossos erros  
 CORO- Ave Maria cheia de graça  
 ZAMBI- Perdoai, Ave Maria  
 Perdoai a morte que matamos  
 O assalto, o roubo  
 Perdoai. Perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai o nosso orgulho  
 CORO- perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai a nossa rebeldia  
 CORO- perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai a nossa coragem  
 CORO- perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai a fuga do cativoiro  
 CORO- Perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai as nossa dividas  
 CORO- Perdoai Ave Maria  
 ZAMBI- Perdoai-nos Ave Maria. Assim como nós perdoamos  
 os nossos senhores  
 CORO- Perdoai, Ave Maria  
 Ave Maria cheia de Graça  
 Olorum, Amém, Amém, Amém, Amém.

Imaginemos o que seria dar a um aluno este texto como forma de análise de documento em sala de aula, após ter lhe apresentado a matéria sobre o processo de escravidão no período colonial. Podemos levar o aluno a descobrir que por detrás do escravismo, existe muita coisa, muita forma de prender este negro aqui no Brasil, e que estes negros também se contaminavam com os ensinamentos do nosso povo.

A referência a flexas, instrumentos dos índios a pesca, atividade também específica dos índios, relaciona o negro como bom receptor dos meios de subsistência nativos. A relação com os índios, era clara, e podemos detectar, que nos quilombos também índios eram bem vindos.

São muitos pormenores históricos que esta peça nos traz. Nossa análise ficará assim bem extensa, porque queremos apresentar maneiras de se explorar um documento, para trabalhá-lo em sala de aula.

O custo econômico destas fugas era algo que pesava muito nos cofres da Coroa Portuguesa, e para as cidades e fazendeiros também. Após analisar os custos desta recapturas aos negros fujões, a Coroa Portuguesa junto com os fazendeiros ‘resolveram’ dar perdão aos negros fujões e a todos aqueles que estavam habitando os quilombos. Estabeleceram que a importação de novos negros era mais viável. Lucro para a Coroa Portuguesa com o transporte dos negros da África para o Brasil<sup>14</sup>, e lucro também para os fazendeiros, que contariam certeza com os novos negros, além de não terem que pagar aos capitães do mato, uma quantia considerável para a captura dos negros.

“(...)e assim ficou provado pelo sim e pelo não  
que fujão recuperado custa mais ao patrão  
e pelas constas já feitas quem fugiu teve perdão  
mais negócio ficou sendo fazer mas importação.  
CORO- Navio chegando, chegando de lá,  
Com escravo apanhando até se faltar.  
Escravo de monte de toda nação  
Pra um que fugia, chegava um montão.

Nestas expedições aconteciam romances entre os negros e, chegando ao Brasil, estes negros tinham seus destinos separados. Alguns nem sabiam do que se tratava, porque estavam ali ou para onde iam, mas alguns como é o caso do neto do Rei Zambi, Ganga Zona(peça), vinham com um sonho de liberdade estampado no rosto; e

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 14.

acreditava ser possível encontrar o tão sonhado reduto de liberdade em meio a mata, chamado “quilombo dos Palmares”<sup>15</sup>:

“(…)Zambi é pai do pai de eu. Zambi á avô de Ganga Zona e Reis de Valentia que nunca vai ser bastante louvada, Zambi carregou negros de coragem e fundou terra livre no meio da escravidão.(…)Verdade que eu tenho no sangue. Em lá chegando se procura Zambi”.

A construção de Palmares passou a se tornar uma ‘pedra no meio da mata’ para os fazendeiros. Era visível o desenvolvimento próspero da comunidade negra. A vida era de paz e tranquilidade, as famílias iam crescendo e crescendo, a poligamia era uma forma de contribuir para isto, quanto mais mulher se tinha, mais se podia possuir, e nenhuma brigava com a outra.

A condição do homem negro, dentro de Palmares, se fortalecia e criava propriedade quando, ao chegarem, recebiam um nome diferente do que antes tinham, era uma forma de rejeição ao sistema de escravidão, simbolizando a tão sonhada liberdade, deixando para trás toda e qualquer lembrança dos dias de horror e tortura vividos nas senzalas.

Tudo ia muito bem, até que diante da ameaça de guerra o negro deixa de comprar do branco e começa a vender por preços elevados. Era comércio, o negro se segurava da maneira que podia, precisava de armas e temendo que as cidades vizinhas não quisessem abastecê-los, precisaria de dinheiro para tal fim.

Está instaurada a condição de guerra, enquanto isto no Palácio, Dom Ayres e Dom Pedro conversam e tentam conquistar a opinião pública falando sobre o perigo da

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 15.

miscigenação, a infiltração negra feminina<sup>16</sup>, como possível causa de expiões sobre os planos de ataque aos Quilombos

“(…) Esses negros, inferiores pela própria natureza, ameaçam construir uma sociedade bem mais aparelhada, produtiva e forte do que a nossa. É anti histórico. Permita-me uma sugestão. Porque não promulgar uma lei que impeça o contato dos homens brancos com as negras? Será a única forma de acabar com essa imoralidade que é a infiltração negra”.

Todas estas formas de construção dos problemas, ou seja, de Palmares, da condição de perigo para as cidades vizinhas e para a coroa Portuguesa, são no 1º ato, no segundo teremos os desdobramentos da guerra que está se afirmando em volta de Palmares.

Mas o estopim ainda está por vir, Dom Pedro recebe informes da capital, sobre o número de mortos brancos que estas expedições, na tentativa de acabar com Palmares, causou. Cansado de tantas mortes, e tamanho o rombo econômico que está nos cofres públicos, é oferecida a paz à Palmares. Zambi, rei e líder de Palmares, aceita a paz, mas nem os negros gostaram desta atitude de Zambi, nem a Coroa Portuguesa, tanto que destituíram D. Pedro do cargo de governador e nomearam D. Ayres.

Enquanto a paz é festejada pelos quilombolas, mais um descendente de Ganga Zona é descoberto, Gongoba, que era mulher de Ganga Zona, no navio, contava ao filho já crescido de seu pai e de seu destino, Ganga Zumba então se vai mato a dentro em busca do Pai e da tão sonhada liberdade. A esperança que estes negros depositavam em uma vida melhor, estendia a seus filhos, nestes versos a seguir poderemos ver que Ganga Zumba quer que seu filho que está no ventre de Dandara, quando for homem possa encontrar um mundo melhor<sup>17</sup>:

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 31.

“(...) Ei, cafunge da minha esperança, cresce logo fio, que a gente precisa de braço. ?Qual o que, deixa está, que quando to fô tão grande que possa entendê as coisas, elas vão sê diferente dessa de hoje”.

O plano de guerra está escrito pelo novo capitão nomeado por D. Ayres, que quer ver Quilombo destruído, que atende pelo nome Fernão Carrilho, tamanha era a importância deste lugar, mas a traição, por causa do número de armas que esta cidade não fornecera, nem mandara homens para a guerra, iria aferir os nervos de D. Ayres, que contra a cidade de Serinhaém, mandou os soldados guerrear, e a intenção era matar o negociante que lá estava: Ganga Zona, porque esta cidade era aliada aos quilombos, vê como o comércio era algo realizado e de acordo firme entre os brancos e os negros.

Mas esta condição de fidelidade aos negros, iria custar a vida da cidade, pois antes de atacar os quilombos estes soldados foram em direção à cidade de Serinhaém, os negros não entenderam, porque branco estava contra branco, mas pressentiu que algo estava para acontecer.

Mataram Ganga Zona, e acreditavam que o Quilombos havia ficado órfão de rei mas não sabiam que lá estava o filho de Ganga Zona, Ganga Zumba. Mas este não era o líder porque segundo a hierarquia todas as decisões seriam tomadas pelo rei que era Zambi, mas estava muito velho e não queria esse tipo de responsabilidade. Então<sup>18</sup>:

“(...) Menino Zumba precisa subi nesse trono. Pra isso carece reis/ velho cufá primeiro. Prá guverna teu povo, menino, presta atenção nos de mais idade; mesmo as ânsia dos moços precisa sê escutada. Escuta bem, presta deixá quizila esfria, não; Branco que tome ferro nas tripas! Eles tem muito pra ensina. Ensinaru pra mum so fala com caridade prá inimigo nenhum, ensinaru matá; matá ,mulhe, matá fio, tomá casa, terra, ouro... Pega todo esse ensinado e faz dele um mote de governo... Aqueles sana filho, Ter seu governo, guverno de safadage, mas tem seu guverno! Chama as crianças dos Quilombo, todas elas. Das de peito as maior de já entendimento”.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 40.

E segue a fala de Zambi, uma revelação do que foi sua vida e o que representou a sua luta<sup>19</sup>:

“(...) Eu vivi nas cidades no tempo das desordens. Eu vivi no meio da minha gente no tempo da revolta. Assim passei os tempos que me deram pra viver. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio da batalha. Amei sem te cuidado... olhei tudo/ que via, sem tempo de bem ver... Assim passei os tempos que me deram pra viver. A vaz da minha gente se levantou e minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito mas gritá eu bem gritei. Tenho certeza que os donos dessas terra e Sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei os tempos que me deram pra viver.(...) Essa terra eu não vou ver... Ganga Zumba segue o conselho do rei... Olorum-Didê”.

Neste momento, Zambi para dar lugar ao príncipe suicida-se, e Ganga Zumba é o novo rei. Enquanto a morte de Ganga Zona é festejada, chega à capital recomendado pela Igreja, um experiente capitão, Domigos Jorge Velho, de fama reconhecida pelos bravos resultados com expedições contra os negros.

Pediu como paga de seu trabalho um pedaço das terras de Palmares. Pode-se ver o quanto estas terras eram importantes, a sua prosperidade era algo que mexia tanto com o orgulho como com a imaginação dos brancos<sup>20</sup>.

Os brancos usavam os próprios negros contra os quilombolas, e mandavam os doentes para que se pudesse contaminá-los, enfraquecendo-os, também os índios foram usados como paredes para o ataque, nesta passagem podemos assim verificar:

“(...)Perfeito. Boa gente essa. Carrega na maconha que são esses que vão morrer primeiro”.

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 48.

A destruição de Palmares está, em volta da capital, quase toda concluída. Na capital, Palmares, Ganga Zumba resiste bravamente ao cerco que se fecha, ao perceber que poucos restaram, chamam-nos para continuarem resistindo.

Ao pegarem Ganga Zumba, as palavras que foram ditas por Zambi antes de suicidar-se são repetidas<sup>21</sup>:

“(...) Eu vivi nas cidades no tempo das desordens. Eu vivi no meio da minha gente no tempo da revolta. Assim passei os tempos que me deram pra viver. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio da batalha. Amei sem te cuidado... olhei tudo/ que via, sem tempo de bem ver... Assim passei os tempos que me deram pra viver. A voz da minha gente se levantou e minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito mas gritá eu bem gritei. Tenho certeza que os donos dessas terra e Sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei os tempos que me deram pra viver. Por querer liberdade”.

E assim termina a nossa peça, que nos serviu antes de documento para analisarmos um período da historiografia, que está carente de estímulos efetivos para o trabalho em sala de aula..

O sonho de liberdade que os negros queriam estava acabado, junto com a ‘morte’ de Ganga Zumba. Era um sonho de liberdade que não “aferia a sociedade no seu seio”. Queriam apenas um lugar para plantarem e viverem suas vidas em paz, longe dos chicotes dos senhores, próximo de sua cultura, queriam apenas continuar a viver.

Mas a liberdade destes negros não só ferira o orgulho dos seus Senhores, como também causou inveja naquilo que os homens mais gostam de possuir: o domínio da terra.

Por isto, Quilombo dos Palmares fora destruído! A propriedade privada que se instalou naquela região, tinha muitos donos, mas nenhum conseguia tomar conta do que era seu, a começar dos negros que fugiam. E acreditavam também que em se acabando com o ‘esconderijo’ dos fujões não haveria mais fuga.

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 49.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As considerações aqui descritas nestas linha são, para mim, de grande alegria, por acreditar que é possível e existem formas de se melhorar o ensino de História, para as séries de 1º e 2º graus, ou seja do Ensino Médio e Fundamental.

O uso do teatro para este fim, é o que se pode chamar de presente, porque não é fácil sabemos, mas vale à pena tentar. As dificuldades são superadas a medida em que conseguimos resultados no processo de ensino/aprendizagem com estes alunos; quando conseguimos solucionar problemas de timidez, indisciplinas e o principal a antipatia que os alunos tem em relação á nós professores, por acharem que nós não lhes consideramos. Alguns professores nem sabem os nomes dos alunos, mas não é porque não se interessam pela pessoa, o problemas são o número excessivo de alunos que estes possuem.

Precisamos acreditar que é possível uma mudança nos métodos de ensino utilizados nas escolas públicas e particulares. A prática da interdisciplina tem sido usada com mais freqüência pelos professores, como proposta direcionada pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais- MEC).

Este trabalho tem a pretensão de dar apoio a qualquer colega que queira utilizá-lo para, em sala de aula, trabalhar um pouco além do conteúdo do livros didático, informações sobre o processo de escravidão no Brasil. E usar tanto para a montagem de uma peça teatral como para documentos. E a partir daí proporcionar ao aluno, o que deveríamos sempre dar, a capacidade de análise, para que este construa sua bagagem de informações que ira levar por toda a vida.

O papel do professor é fundamental neste processo de construção do saber. E o

aluno vai aprender aquilo que quisermos que ele aprenda, e vai gostar do que quisermos que ele goste, e vai odiar aquilo que, nós, professores, deixarmos de lhes contar. Pois quando apresentamos o outro lado da moeda de uma história, o aluno tem a condição de analisá-la e se basear na verdade ou na mentira.

A exemplo dito, qualquer trecho que usarmos desta peça teatral “Arena conta Zumbi”, para que o aluno veja o que aconteceu, ele poderá descobrir que, o processo de destruição aos Quilombos e a escravidão no Brasil, não foi só porque os negros fugiam do trabalho, mas antes porque a comunidade que os negros fundaram, feria o orgulho dos proprietários de terras. Era uma comunidade próspera. Os brancos não aceitaram que tivessem prejuízos e os negros que nem eram considerados ‘gente’, pudessem estar melhor do que eles.

E assim, colocamos este trabalho a reflexão dos colegas, para acrescentar ou não o que, por uma eventualidade, estiver em desarmonia com a realidade. Acredito que o papel do historiador:

“(...)a tarefa nossa é esperar que uma verdade aconteça, nossa tarefa é descobrir novas verdades, todos os dias...”.( Oduvaldo Vianna Filho,1988.)

## BIBLIOGRAFIAS

- CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Zumbi, Tiradentes*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- GIANFRANCESCO, Guarnieri & BOAL, Augusto. "*Arena conta Zumbi*". São Paulo. (peça tetral) 1965.
- CARNEIRO, Edison. *O quilombo dos Palmares*. São Paulo: Editora Nacional, 1988
- COSTA, Luís C. Amad. & MELLO, Leonel Itaussu A de. "A exploração do ouro e diamantes". In: *História do Brasil*. São Paulo: Scipicione, 1999.
- PEDRO, Antônio. "A empresa agrícola Colonial". In: *História da Civilização Ocidental: Geral e Brasil*. São Paulo: FTD, 1997.
- MOURA, José C. Pires. "A Montagem da Colonização". In: *Coleção Anglo*. São Paulo, 1991.
- ROBERSOM, Oliveira. "*História do Brasil: análise e reflexão*". São Paulo: Ática, 2001, p.80.
- ARRUDA, José Jobsom de, & PILETTI, Nelson. "Resistência e integração: a presença negra na América Portuguesa". In: *Toda a História: História Geral e História Brasil*. São Paulo: Ática, 2001.
- TEIXEIRA, Francisco M. P. "Viver na Colônia". In: *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Ática 2000..
- \_\_\_\_\_. "Resistir na Colônia". In: *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Ática, 2000.
- MUNAKATA, Kazumi, "A escravidão no Brasil". In: *História 1ª fase: Telecurso 1º grau*. Fundação Roberto Marinho em convênio com o Ministério da Educação e Cultura e a Fundação da Universidade de Brasília- 6ª ed.- Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1996.
- PILETTI, Nelson, & PILETTI, Claudino. "A escravidão negra no Brasil". In: *História e vida: Integrada*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- MOURA, Clóvis. *Os Quilombos e a rebelião negra*. Editora Brasiliense. São Paulo: 1ª ed.; 1986.
- GORENDER, Jacob. *O escravismo Colonial*. São Paulo: Ática, 1978.
- GOULART, José Alípio. *Da fuga ao Suicídio; aspectos de rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista Editora, INL, 1972.

HOBSBAWM, Eric. "História das Sociedades". São Paulo. Ática; p. 35.

SILVA, Marcos A da.(org). Repensando a História. São Paulo/ Rio de Janeiro:ANPUH/Marco Zero. 1984. p. 8-15.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outra poéticas do político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; p. 184.

OLIVEIRA, Sirley Cristina. "História e teatro: novos olhares para o ensino de História". In: PATRIOTA, Rosangela & RAMOS, Alcides Freire,(orgs). História e Cultura: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002; p. 159-182.